

PRODUÇÃO DE TEXTO: UM MOMENTO DE ANÁLISE, CONSTRUÇÃO E REFLEXÃO.

MELO, Nyvia Maria de Jesus.
nyviaunit @bol.com.br

SANTOS, Carla Silva dos.
carla_cj12@hotmail.com

SANTOS, Roberta Valeria dos.
robetavaleria@hotmail.com

MEIRELLES, Cláudia(orientadora)
Graduada em Letras pela UCSAL/BA. Especialista em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa/FACINTER. Professora do curso de Letras presencial e a distancia.
MEIRELLES.Cláudia@oi.com.br.

RESUMO

A produção de textos orais e escritos representa fatores essenciais para a comunicação entre os indivíduos e, principalmente, para o entendimento da realidade que o cerca. O presente estudo está centrado nas questões referentes à prática de estímulos quanto à leitura e produção de textos, identificando alguns aspectos que impedem esta prática escolar; tendo como objetivo maior, oferecer ferramentas para que o gosto pela leitura seja despertado em cada adolescente e jovem e amenizar as dificuldades que os alunos enfrentam ao produzir textos (medos, inseguranças e até mesmo a falta de hábito de leitura), não fornecendo uma “receita” pronta sobre como trabalhar com os diferentes tipos de textos, até porque a sociedade é dinâmica e cada escola possui uma realidade diferente da outra, mas procurando despertar a comunidade escolar para esta questão emergente e urgente que ainda persiste no meio de nossa prática pedagógica

Palavras – chave: leitura, expressão, produção textual, texto, professor.

Produção de Texto: Um momento de análise, construção e reflexão

Introdução

Embora se tenha realizado vários estudos acerca do nível dos alunos em relação à sua escrita, é sempre útil e importante reavaliá-los, de maneira que cada avaliação, cada novo estudo seja único e traga sempre alguma novidade que passou despercebida ou que foi, simplesmente, ignorada por não ser julgada importante anteriormente. A produção de texto, apesar de ser um tema bastante abordado hoje, é ainda um “problema” que faz parte do cotidiano escolar da grande maioria dos discentes, sejam eles de escolas públicas ou privadas.

Este trabalho tem como objetivo, analisar através da pesquisa bibliográfica, as dificuldades de produção textual dos alunos, identificando os possíveis problemas pelos quais os mesmos passam ao produzir, sugerindo atividades diversificadas que facilitem a elaboração dos textos. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's 1997) “ensinar a escrever, ou seja, a produzir um texto, tem sido uma tarefa difícil”.

Partindo desse ponto, comparando-o com nossa realidade, percebe-se que hoje as crianças, mais especificadamente, os adolescentes e jovens do ensino fundamental e médio, público-alvo deste estudo, têm demonstrado várias dificuldades em produzir um texto; dificuldades essas que se devem a vários fatores que os norteiam, como a falta de hábito de leitura que de certa forma interfere no uso adequado da escrita, pois se uma pessoa lê pouco ou simplesmente não lê, conseqüentemente não apresentará um bom desempenho no domínio da escrita; falta de incentivo, outro problema que os alunos têm enfrentado tanto em casa, quanto no ambiente escolar e um outro fato que também merece destaque, diz respeito ao aprendizado do aluno nas séries iniciais(1ª à 4ª séries) ou seja, o conhecimento que adquiriram (ou não) nessas séries e que irá auxiliá-los mais tarde, nas séries seguintes.

Há quem pense que produzir um texto significa apenas colocar palavras em uma folha, numa ordem pré-estabelecida- introdução, desenvolvimento e conclusão- com um determinado tema de que se queira falar. Produzir não se restringe a isso, vai muito mais além do que colocar uma idéia no papel. Escrever é antes de tudo, aprender a pensar, encontrar e concatenar as idéias daquilo que se deseja expor, é transmitir através do que foi escrito o que o intelecto conseguiu criar e assimilar de maneira inteligível.

Segundo KOCH(1998, p 22)

A produção textual é uma atividade verbal, a serviço de fins sociais e, portanto, inserida em contextos mais complexos de atividades, trata-se de uma atividade consciente, criativa, intencional, que o falante, de conformidade com as condições sob as quais o texto é produzido, empreende, tentando dar a entender seus propósitos ao destinatário, através da manifestação verbal , isto é, de sua produção textual.

Logo, quem não se expressa corretamente não pensa direito e, conseqüentemente, não produz um bom texto. Este será aquele em que o aluno de maneira lógica, exteriorize seu pensamento, de maneira articulada, coesa e bem organizada.

As dificuldades encontradas através da pesquisa bibliográfica foi um dos fatores que nos levou a elaborar esta pesquisa. Além dos motivos citados inicialmente, serão abordados aqui outras questões relacionadas á produção, tais como: a prática da leitura, um dos fatores essenciais para uma boa produção; (finalidades e métodos de se produzir bons textos , mostrando que uma produção “livre” traz resultado eficaz) e por fim , como escolher os textos escolares e utilizá-los no dia - a - dia .

Vale ressaltar que o presente estudo não oferece técnicas ou possíveis soluções prontas quanto à produção dentro da sala de aula, mas, pretende atenuar as dificuldades encontradas, oferecendo subsídios não só para os estudantes, bem como para todo e qualquer indivíduo; procurando chamar a atenção para a problemática aqui tratada, despertando dessa forma o interesse de todos pela escrita e quebrando o “tabu” enfrentado por grande parte dos adolescente e jovens, que dizem ser a escrita algo “chato e complicado”.

PRATICANDO A LEITURA: PRODUZINDO BONS TEXTOS

O incentivo à leitura é um dos objetivos básicos de todo o sistema escolar. A leitura é um instrumento eficiente para a expressão e fixação da cultura e dos conhecimentos na sociedade, constituindo-se na mais importante atividade de aquisição de saberes. A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo que se sabe sobre a língua. Não se trata apenas de extrair informações da escrita, decodificando-a letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica necessariamente, compreensão na qual os sentidos começam ser construídos antes da leitura propriamente dita.

Um leitor competente é alguém que, por iniciativa própria é capaz de selecionar, dentre os textos que circulam socialmente, aqueles que podem atender à sua necessidade. Que consegue utilizar estratégias de leitura adequada para abordá-lo de forma a atender a essa necessidade. A leitura para que possa se construir um objeto de estudo nos alunos é necessário que faça sentido para ele.

Se o desejo é que o estudante seja capaz de compreender os diferentes textos com os quais se defrontam é preciso organizar o trabalho educativo para que eles aprendam isso na escola. A leitura se for estimulada, acaba em prazer, além do prazer de entrar no mundo imaginário, a leitura iniciada na infância pode ser a chave para um bom aprendizado escolar.

Segundo VIÉRGAS (1997, pg.13)

“Ler para gostar de ler, ler para conhecer a língua, ler para conhecer o mundo. O ler para gostar de ler seria a garantia do espaço da leitura – prazer: leitura com finalidade de divertimento, de gozo; o ler para conhecer a língua seria o momento da apropriação da estrutura da língua portuguesa; o ler para conhecer o mundo seria o momento de desvendar, de descobrir os conhecimentos culturalmente construídos (...) primeiro a sedução, o encantamento, a paixão, a emoção; depois a tomada de consciência do que se está fazendo, a razão, o conhecimento, o domínio. Se o objetivo é gostar de ler, a metodologia precisa ser o prazer, o deleitar-se e só”.

A leitura é um meio, um instrumento; ela não é um fim em si mesmo, mas o ponto de partida para o processo de ensino e aprendizagem, levando o aluno a aumentar seu vocabulário, expressar-se melhor na escrita e na leitura com prazer.

O amor pelos livros não é coisa que aparece de repente. É preciso ajudar a criança a descobrir o que a leitura pode oferecer. Sempre que possível, os professores devem incentivar os alunos a ler, oportunizando-os a curiosidade e, principalmente, o encanto. A partir disso, o docente mostra que, além de ser atrativa, a leitura também pode oferecer informações, notícias, pesquisas, buscas, divertimento e muito mais.

Formar leitores é algo que exige, portanto, condições favoráveis para a prática de leitura, como ter uma boa biblioteca na escola; materiais de leitura diversos; proporcionar momentos de leitura em que o professor também participe; igualar a importância das atividades de leitura às demais da escola; dar a oportunidade aos alunos de escolherem suas leituras; garantir um ambiente saudável aos estudantes durante os momentos de leitura; possibilitar um fácil acesso aos livros da instituição; sempre que puder, sugerir a escolha de textos que visem a variedade; fazer com que todos possam contribuir com sugestões para melhorarem as práticas de leituras.

Mas, além disso, é preciso que existam propostas didáticas que orientem a formação de leitores; dizem os (PCNs, 1997, p.60); que o trabalho com leitura deve ser diário e esta deve ser realizada de forma silenciosa, individualmente, em voz alta (individualmente ou em grupo) quando fizer sentido dentro da atividade e pela escuta de alguém que lê.

O estudante precisa sentir-se seguro no ambiente em que se encontra para que possa produzir com qualidade, as práticas de leitura a serem promovidas na escola devem sempre estar a serviço do aluno e das suas necessidades, para que assim suas dificuldades possam ser resolvidas. As crianças lêem quando os textos apresentam algum significado para elas. Para ler é preciso gostar de ler! A leitura jamais deve ser pressionada. Isso em todos os âmbitos, tanto na escola quanto em casa. Muitos pais e professores dão livros como forma de castigo. Esta não é uma atitude correta, pois as crianças perdem o gosto por ler e não fazem mais leitura por prazer, espontaneamente. A leitura como obrigação gera desmotivação, os alunos não aprendem, e não a fazem com gosto.

Para formar leitores, deve-se ter paixão pela leitura. Segundo BELLENGER(2004, p.17), “a leitura se baseia no desejo e no prazer”. Ninguém gosta de fazer aquilo que é difícil demais, nem aquilo do qual não consegue extrair o sentido. Esta é uma boa caracterização da tarefa de ler em sala de aula: para uma grande maioria dos alunos ela é difícil demais, justamente porque ela não faz sentido algum.

A prática de leitura auxilia a produção de textos, pois quem lê muito, escreve bem. Ela é importante porque amplia a visão de mundo e insere o leitor na cultura letrada, estimula o desejo de outras leituras, permite a compreensão do funcionamento comunicativo da escrita,

expande o conhecimento a respeito da própria leitura, possibilita produções orais; escritas e em outras linguagens enfim, ensina a estudar.

Através da leitura temos acesso à cidadania, à melhor posição no mercado de trabalho, a orientação para um entendimento da vida em sociedade. Lê-se para entender o mundo, para se viver melhor e para posteriormente escrever bem. Ler é uma forma de aprender a pensar, tanto quanto é uma prazerosa maneira de desvendar o mundo e a si mesmo. Para formar bons leitores, os professores precisam ter atento pela leitura e transmiti-la de forma natural. Segundo TERZI (1995, p.43).

“A exposição constante da criança à leitura de livros infantis expande seu conhecimento sobre as estórias em si, sobre tópicos de estórias, estrutura textual e sobre escrita. Ouvir e discutir textos com adultos letrados pode ajudar a criança a estabelecer conexões entre linguagem oral e as estruturas do texto escrito, a facilitar o processo de aprendizagem de decodificação da palavra escrita e a sumaria a história (...). Em suma, a exposição da criança a freqüentes leituras de livros a leva desenvolver-se como leitora já no período pré-escolar. Esse desenvolvimento contribui, sem dúvida, para uma maior facilidade em acompanhar o ensino proposto pela escola, o que redundando em maior sucesso”.

Segundo CAGLIARI (1993, p.148) “a leitura é a extensão da escola na vida das pessoas. A maioria do que se deve aprender na vida terá de ser conseguido através da leitura fora da escola. A leitura é uma herança maior do que qualquer diploma”. A escola, a família e a sociedade precisam oferecer um aprendizado voltado para a leitura. É dever da escola ensinar os alunos a ler e a entender não só as palavras mas, o significado da mesma, já que sua atividade fundamental para a formação dos alunos é a leitura.

PRODUÇÃO COMO FORMA DE EXPRESSÃO

Nas escolas a maioria dos professores não levam em consideração as experiências individuais dos alunos; uma vez que estes já começaram sua produção literária, mesmo que

informal, a partir da realidade na qual estão inseridos. O que acontece é que, muitas vezes, certos mestres não se preocupam em valorizar a bagagem cultural que cada um traz consigo.

Seria importante, que cada professor em sua sala de aula vinculasse através da produção escrita conteúdos e/ou conceitos específicos da área em que atua com a vida de seus alunos, solicitando-lhes que escrevam sobre aspectos de suas vivências socioculturais. Sem estudantes vivenciando oportunidades sistemáticas de leitura, escrevendo e dialogando, a escola correrá o risco de restringir-se à reprodução. Essa, aliás, é uma prática que cada vez mais tem sido rejeitada: as atividades de leitura e escrita, nas diversas modalidades, transformadas em ritual burocrático, no qual escrevem textos buscando simplesmente concordar com o professor.

O professor é o único detentor do conhecimento. A produção de texto deve ser entendida pelo aluno como uma possibilidade de acesso á cidadania e participação. Cabe percorrê-los e se necessário, refazê-los, ampliando ou encurtando itinerários em face da realidade daqueles, possibilitando assim, a formação de alunos críticos e participativos. Agentes transformadores da sociedade em que vivem, livre para que possam escrever de um modo mais expressivo.

Segundo Grossi (1985 pg.35)“o prazer de aprender inclui o de sentir-se membro de uma classe escolar, que em torno do professor, funciona como um grupo social com vida e história singulares, centradas na aventura da apropriação criativa do sistema de leitura e escrita”. As escolas e principalmente os professores como principais mediadores do conhecimento enquanto imerso em sua pratica política, devem conscientizar-se da necessidade de mudarem suas práticas pedagógicas. Para que a escola deixe de constituir-se

um espaço de opressão e sacrifícios, totalmente desvinculado da realidade do educador, e possa tornar-se espaço de conquista, de crescimento; revertendo o atual quadro em que se encontram nossas escolas, faz-se necessário destacar que a produção escrita advém de um conhecimento de mundo, de uma visão construída a parte de uma realidade empírica.

A escola deve respeitar as diferentes habilidades dos alunos, cabendo ao educador valorizar, compreender e acertar as diferentes concepções de mundo, pois não existem verdade absolutas e nem tão pouco a abordagem de experiência com a linguagem que é muito singular, exceto que as crianças aprendem o ler e escrever concomitantemente. Elas são encorajadas a pensar em coisas para serem escritas, depois praticam a leitura das mesmas palavras e sentenças.

A idéia é que, uma criança escolha seus próprios tópicos e usem seu próprio vocabulário. O material deve interessá-las e as palavras escritas e faladas se tornem explícitas, mas não as correspondências entre as letras e os sons. Naturalmente, é mais fácil para os professores fornecerem fontes de pesquisas ricas em aprendizado. Se toda classe está pesquisando sobre o mesmo tópico, ocorrerá o esfriamento do entusiasmo com este tipo de ensino.

Segundo TRAVAGLIA (1997, p.22)

“... a língua é vista como um código, ou seja, como um conjunto de signos que se combinam segundo regras, e que é capaz de transmitir uma mensagem, informações de um emissor a um receptor. Esse código deve, portanto, ser dominado pelos falantes para que a comunicação possa ser efetivada. Como o uso do código que é a língua um ato social, envolvendo conseqüentemente duas pessoas, é necessário que o código seja utilizado de maneira semelhante, preestabelecida, convencionada para que a comunicação se efetive”

A definição de texto depende da concepção de linguagem que subjaz o trabalho docente na sala de aula. Optar por esta forma de ver a linguagem (como forma de interação

social) pressupõe secundarizar as outras duas formas que são: a linguagem como expressão de pensamento e como instrumento de comunicação.

A primeira concepção vê a linguagem apenas como forma de pensamento, isto é, para tal concepção, quem não se expressa adequadamente, não pensa direito. Reforçam esta concepção os estudos tradicionais da Gramática Normativa, a qual privilegia o falar das camadas socioeconomicamente mais favorecidas.

Para quem enxerga a linguagem deste modo, acredita que há normas a serem seguidas e tudo aquilo que delas se desvincula é considerado erro. O bom texto será aquele em que o indivíduo, de maneira lógica, exterioriza seu pensamento de maneira articulada e bem organizada. Assim, para esta concepção o produtor de texto não pode ser afetado pelo seu interlocutor nem pelas circunstâncias.

Para ensinar os alunos a escrever bons textos, considera-se a cultura de fora, as práticas sociais da escrita e os comportamentos sociais do escritor. Muito mais do que uma técnica, o que se quer oferecer é uma atitude cultural diante da escrita

O professor auxilia os alunos a conhecer a forma de texto que irão produzir, o que ele comunica e a quem se dirige, ressaltando as informações sobre o gênero, no processo de desenvolvimento do texto. Busca-se colocá-los na posição de escritor para que possam decidir o que e como devem escrever.

Aos alunos são oferecidos um repertório de qualidade literária, que deixe transparecer a riqueza e a complexidade da linguagem escrita, fundamental para que aprendam a escrever bons textos, de qualquer natureza. O trabalho com produção de textos é centrado nos gêneros

textuais, o ato de escrever é dessacralizado e democratizado. Todos os alunos devem aprender a escrever todos os tipos de textos, pois a cada um caberá uma habilidade diferente, na qual ele com certeza se destacará.

TEXTOS ESCOLARES: COMO ESCOLHÊ-LOS E UTILIZÁ-LOS.

No que respeito à escolha dos textos utilizados dentro das salas da aula, pesquisas mostram que ainda hoje a preferência do aluno pelo tema a ser abordado não é levado em consideração. Sobre isto, uma pesquisa investigativa feita recentemente pela Prof^a Zozzoli afirma que:

“No tocante às condições imediatas de produção, é necessário salientar a grande influência que a escolha do tema exerce sobre a produção. Apesar dessa constatação parecer óbvia, não se costuma levar em conta a preferência dos alunos, nem tampouco a contribuição dos diálogos sobre o tema na formação de um leitor e produtor de textos ativo e crítico”. (ZOZZOLI, 2002. pg.23)

Com base nestes dados, percebe-se que trabalhar o texto com um tema estabelecido pelo professor, torna a produção uma atividade mecânica, trazendo como conseqüência desmotivação por parte do aluno, já que este será “obrigado” a discorrer sobre um assunto que ele não julga interessante. Frente a esta realidade que ainda persiste dentro de muitas escolas, só resta uma pergunta a fazer: como tal problema será solucionado e até quando permanecerá?

As respostas não estão prontas do que seria a solução para esta problemática ainda existente, mas sugere-se atividades e meios pelos quais o docente poderia escolher e utilizar os textos com seus alunos. Sugere-se que a princípio, o professor como mediador, através de uma conversa informal, pergunte aos estudantes sobre qual assunto eles gostariam de escrever abordando temas gerais, em seguida, fazer o discente perceber se o tema escolhido terá uma posterior utilização pelos mesmos,(no caso de pesquisas em outra disciplinas,ou alunos do ensino médio que prestarão vestibular).

Outra sugestão seria escolher textos sobre temas atuais e também textos o mais próximo possível da realidade deles, assim haveria uma garantia de melhor assimilação do conteúdo, mais motivação e concentração ao redigir, levando os mesmos a fazerem interpretações e reflexões do meio ao qual ao estão inseridos, através de suas próprias produções.

“Bons produtores” não se formam com leituras e produções escolares de materiais elaborados expressamente para a escola, com o fim de cumprir as exigências de um programa curricular desta; mas com a utilização de diferentes materiais que contenham uma diversidade de textos e sirvam para uma multiplicidade de propósitos. “Os texto devem ter uma característica sócio-funcional” (Kaufman; Rodriguez. 1995. pg45) ou seja, devem conter critérios que exerçam alguma importância no meio escolar e possivelmente, na sociedade.

Vale ressaltar que antes de se usar um texto é preciso avaliá-lo. O que acontece é que muitas vezes o texto escolhido nada representa para o estudante; por isso, o professor como orientador, tem o papel de fazer uma acirrada escolha dos critérios contidos neles. Há e sempre haverá aqueles que dirão não ter tempo disponível para fazer tal seleção; outros que simplesmente aceitam a realidade na qual estão inseridos e nada fazem para tentar mudá-la e ainda aqueles que têm conhecimento do que tem de ser feito para melhorar a produção dos alunos, mas não o podem fazer porque tem que seguir à risca o currículo estabelecido pela instituição, neste caso, as escolas privadas.

Sobre isto, Kaufman e Rodriguez diz que:

“A tarefa de selecionar materiais para os alunos é, em todos os níveis e modalidades da educação, uma das tarefas mais árduas que o professor tem de assumir em sua atividade pedagógica. Selecionar implica avaliar e, portanto, acatar o caráter de objeto passível de avaliação de todos os materiais”. (KAUFMAN; RODRIGUEZ. 1995. pg.45)

O fato é que, mesmo com todos esses “aparentes obstáculos”, os professores não devem se intimidar em mudar sua maneira de trabalhar os textos, mesmo sabendo que devem “obedecer” a um modelo do Sistema Educacional existente. Se estes não decidirem tomar uma iniciativa, a problemática aqui descrita permanecerá fazendo parte de muitas instituições escolares, durante anos.

Sobre o modelo deste Sistema existente, há um outro questionamento a ser feito: o que acontece com os textos que vêm nos livros didáticos utilizados pelos adolescentes e jovens diariamente? A resposta a esta pergunta é que não se pretende abolir tal sistematização, pois ela se faz necessária para manter a organização do conhecimento, mas sugere-se “quebrar um pouco as regras” e reelaborar tais textos, incorporando-os ao conteúdo “predeterminado pelo regimento escolar, levando em consideração o novo, o heterogêneo e os temas circundantes que estes possam apresentar”(CHIAPPIN, 2001, pg.35).

Se faz importante esclarecer que os textos apresentados pelos livros didáticos não é para serem descartados no seu todo, estes podem ser utilizados no dia - a - dia pelo docente, desde que não sejam trabalhados na sua íntegra, de forma mecânica, seguindo sugestões do próprio livro, mas devem ser utilizados de maneira dinâmica, atraente e diferenciada, dando espaço para o adolescente e o jovem explorá-lo ao máximo, extraindo dele todas as informações necessárias a sua re-produção.

A utilização do material selecionado é outro ponto que merece atenção. O que acontece é que muitas vezes o texto escolhido traz um excesso de informações e não há preocupação alguma de trabalhá-los de maneira inteligente com os estudantes, apenas faz - se o que é definido num programa didático.

Tal situação cria um ambiente não propício ao desenvolvimento de uma consciência crítica por parte dos discentes e por isso eles não conseguem produzir bons textos. Estes são então, formados apenas para decorar alguns códigos lingüísticos e não para serem capazes de expor seus pensamentos. A grande prova disso é a dificuldade que os vestibulandos e os estudantes do ensino médio têm ao escrever uma redação ou um texto dissertativo exigido nos exames de vestibular.

Essa dificuldade acontece porque desde cedo os alunos não foram habituados para uma atividade que exige certa habilidade, que é construída passo a passo, desde quando se inicia a formação escolar nas instituições de ensino, a qual podemos denominar de “competência verbal”. De acordo com Kaufman e Rodriguez, esta é definida como “uma habilidade para interpretar e/ou produzir textos que concretizam, em sua totalidade , e em cada uma de suas partes, uma determinada intenção do autor através de sua organização e recursos empregados”.

Assim como foram sugeridas, as atividades e meios para a escolha de textos que seriam trabalhados nas aulas, também julgou-se de suma importância sugerir atividades voltadas para a utilização do material selecionado. Os chamados “cartões de atividades” seriam uma das opções, pois este recurso oferece aos professores e alunos, um amplo leque de interpretação e produção, que podem ser feitos no ambiente intra e extra-escolar, levando em conta sua seleção, teorias de aprendizagem e concepções de leitura e escrita.

Uma segunda atividade refere-se à exploração do texto em si. A priori, o docente levaria os estudantes a perceberem a função sócio-cultural do texto selecionado e em seguida, através das (re) produções de cada um, exploraria a parte gramatical com eles - ortografia, coesão, coerência, acentuação gráfica, concordância entre outros.

Possivelmente dessa maneira, o produto final teria maior valor significativo, tanto para o professor quanto para o aluno. Entretanto é bom lembrar que as sugestões abordadas só serão concretizadas a partir do momento que o sistema educacional vigente deixar de lado os interesses particulares da minoria e procura satisfazer as necessidades e falhas presentes em todas as esferas do ensino fundamental e médio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, torna-se claro que o acesso à leitura através dos diferentes textos que circulam no ambiente intra e extra-escolar, é o primeiro passo para que desde cedo, os alunos se familiarizem com estes e conseqüentemente apresentem uma melhor escrita através de suas produções.

Ler não significa apenas decodificar algumas palavras, vai muito mais além. Ler é descobrir, viajar, explorar lugares desconhecidos, é um meio de aprendizagem necessária e prazerosa. É através do constante contato com os textos que os discentes aprenderão a explorar e interpretar estes, prática esta que refletira em sua escrita, ou seja, em suas produções textuais.

Assim, cabe à escola, viabilizar o acesso do aluno ao universo dos textos que circulam socialmente, ensinando – os a escolher e utilizar estes em suas re - produções. Isso inclui os textos das diferentes disciplinas com os quais os estudantes se defrontam sistematicamente no cotidiano escolar e mesmo assim, ainda não conseguem manejá – los, por não haver um trabalho planejado com essa finalidade.

Ensinar a escolher, utilizar e escrever textos, torna – se uma tarefa muito difícil fora do convívio com textos verdadeiros, com leitores e “escritores” verdadeiros e com situações de

comunicação que os torne necessários. A diversidade textual que existe fora de escola pode e deve estar a serviço de expansão do conhecimento letrado do aluno. Se o objetivo é que o estudante aprenda a escolher, interpretar e produzir seus próprios textos, expressando – se através destes, não é possível fazê-lo tomando somente como base de ensino a letra, a sílaba, palavra ou frase, mas se faz necessário que os mesmos apresentem e tenham noção de algumas características essenciais que devem conter no texto no ato da produção.

Com as atividades aqui sugeridas, o texto a ser produzido pode ficar tanto atraente quanto inteligente, sem deixar de ressaltar que é preciso oferecer aos discentes meios para que elas leiam todo tipo de texto – autores nacionais, romances, literatura de ficção e não – ficção, jornais, revistas, obras científica – ampliando dessa forma o conhecimento destes e, conseqüentemente, construindo uma sociedade mais inteligente.

Referências

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o habito de leitura**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

CHIAPPINI, Ligia. **Aprender e ensinar contextos**, 4. ed. Vol.1 São Paulo: Cortez, 2001.

KAUFMAN, Ana Maria, RODRIGUEZ, Maria Helena. **Escola, Leitura e Produção de textos**. Porto alegre: artemed, 1995.

ZOZZOLI, Rita Maria Dinis (org.) ler e produzir; discurso, texto e formação do sujeito leitor/ produtor. Maceió: edufal, 2002.

CARDOSO, Cancionila Janzkovski. **Da oralidade à escrita: A produção do texto narrativo no contexto escolar**. Cuiaba: UFMT/INP/MEC, 2000.

CAGLIAR, Luiz Carlos. **Alfabetização e lingüística**. 6. Ed. São Paulo: editora, 1993.

TERZI, Sylvia Bueno. **A construção da leitura**. Campinas: Pontis. 1995.

VIÉGAS, Karla Vignoli. **Ler para gosta de ler**. Revista do professor. Porto alegre, v.13, p.13-14 out/dez. 1997.

SILVA, Ezequiel Theodoro. **Elementos da pedagogia da leitura**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.